



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade

ZONA ZERO
Um documentário sobre a permacultura
como ferramenta de transformação social

Danielle Moraes de Carvalho
14/0135821
Gabriel de Azevedo Martins Cantarelli
12/0011697

Brasília – DF
Junho de 2019

Danielle Moraes de Carvalho
e
Gabriel de Azevedo Martins Cantarelli

ZONA ZERO

Um documentário sobre a permacultura como ferramenta de transformação social

Memória do projeto apresentado ao Curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção dos graus de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Orientador: Wagner Antonio Rizzo.

Brasília - DF

Junho de 2019

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade

ZONA ZERO

**Um webdocumentário sobre a permacultura
como ferramenta de transformação social**

Projeto experimental apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para
obtenção dos títulos de bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda

Orientador: Prof. Dr. Wagner Antonio Rizzo

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Wagner Antonio Rizzo
Orientador

Professora Doutora Dione Oliveira Moura
Membro 1

Professor Doutor João Luiz Homem de Carvalho
Membro 2

Professora Gisele Pimenta
Suplente

Data: 04/07/2019

Agradecimentos

Agradecemos às nossas famílias, que apesar das dificuldades no caminho, nunca deixaram de nos proporcionar todo o suporte estrutural e emocional necessários para que pudéssemos nos dedicar à nossa formação e concluir este curso. Sem vocês, nada disso seria possível.

Agradecemos à UnB pelos aprendizados dentro e fora das aulas, e pelas oportunidades abundantes de receber e compartilhar conhecimentos de todos os tipos. Sairemos desta universidade com a certeza de que hoje somos cidadãos e seres humanos melhores e mais conscientes porque nos educamos aqui, e de que boa parte de quem somos foi forjada neste campus.

Agradecemos à Doisnove e meia pelas experiências que foram fundamentais para nossa formação profissional. Mas, principalmente, pelos laços de amizade que foram construídos graças àquela porta verde, que existem até hoje, e provavelmente perdurarão por muito anos.

Agradecemos à Rede Look'n Feel por tudo que nos ensinaram até aqui, por acreditarem nas pessoas e profissionais que somos, por apostarem conosco no nosso futuro e por todo o carinho e compreensão neste período de conclusão de curso.

Agradecemos a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a produção deste trabalho com seus conhecimentos ancestrais e profundos sobre o trato com a nossa natureza, e que nos lembraram de que somos responsáveis por nós mesmos e por tudo e todos que nos tocam.

Agradecemos aos nossos amigos, que são amigos, mas também são família, que acompanharam os momentos em que quase desistimos, e que, como sempre, permanecem ao nosso lado independentemente das circunstâncias. É um privilégio dividir mais um marco das nossas vidas com vocês.

À Juliana Monção, nossa fortaleza e grande amor, agradecemos pela ajuda e dedicação durante todo o processo de elaboração deste filme, mas, sobretudo, por ser quem você é e por estar em nossas vidas.

Por fim, dedicamos esse documentário à memória de nosso amado amigo Lucas Valentim. A ele, que nos transformou absolutamente e que, sem dúvidas, teria se jogado de cabeça neste projeto para nos ajudar se estivesse ainda entre nós, nossa gratidão e amor eternos.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso busca questionar a dinâmica exploratória entre humanidade e meio ambiente, apresentando a permacultura como alternativa real, inteligente e barata para que as sociedades invertam a lógica de consumo predatório e passem a ter uma relação mais saudável com a biosfera terrestre. Em formato audiovisual, o projeto se apresenta como um documentário que investiga o universo da cultura de permanência através de entrevistas e relatos de pessoas envolvidas com a permacultura, gerando reflexões para que a semente da conscientização e responsabilização pela vida no planeta seja plantada em nossa sociedade. O documentário está disponível no endereço: <<https://youtu.be/iC5HmtN11UE>>

Palavras-chave: permacultura; meio-ambiente; empoderamento; auto-responsabilização; semente.

SUMÁRIO

I. ABERTURA	06
II. PROBLEMA DE PESQUISA	09
III. JUSTIFICATIVA	11
IV. OBJETIVOS	13
IV.I. OBJETIVO GERAL	13
IV.II. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
V. REFERENCIAL TEÓRICO	14
VI. ESTRUTURA NARRATIVA	17
VI.I. O que é a permacultura?	17
VI.II. E os frutos?	18
VI.III. E a nossa merda?	19
VI.IV. E as sementes?	19
VI. METODOLOGIA	21
VII. CONCLUSÕES	27
VIII. BIBLIOGRAFIA	29
IX. ANEXOS	32

I - ABERTURA

A humanidade, como todas as outras espécies presentes na Terra, surgiu em harmonia com a natureza, comportando-se como parte dela, respeitando os seus recursos e lançando mão apenas do que era necessário à sobrevivência. Conforme a evolução da racionalidade humana se dava através da descoberta do fogo, da manufatura e uso de ferramentas complexas, do desenvolvimento da agricultura, entre outras novas atividades, comunidades começaram a se formar no intuito de proteger o grupo e dividir as tarefas. Com o surgimento dessas organizações sociais e com os avanços tecnológicos na produção de ferramentas de caça e pesca, os indivíduos tinham uma expectativa de vida maior, e a possibilidade de reservar recursos para subsistência aumentou. Uma vez que se tornou possível acumular estes recursos, surgiu a ideia de propriedade privada, e com ela, as noções de família e de troca e comércio.

À medida do crescimento do volume demográfico de seres humanos, a ordem social foi se modificando, e para garantir essa ordem, havia que existir algum tipo de hierarquia. Em muitas sociedades, o principal critério de definição dessas estruturas de poder era o acúmulo de posses. A partir deste ponto, a relação da humanidade com o meio ambiente se desequilibrou. As sociedades que se organizaram com foco na propriedade como expressão de status social passaram a explorar os bens naturais para acumular riquezas, não respeitando o tempo de regeneração destes recursos e, portanto, alterando a perenidade dos ciclos da natureza.

Séculos depois, vivemos hoje em um cenário de degradação da biosfera em larga escala e sem precedentes - extinção de diversas espécies, rios declarados mortos por poluição, buraco na camada de ozônio, aumento da temperatura média do planeta, derretimento de calotas polares, tsunamis e muitas outras mazelas naturais. Temos visto este quadro se agravar a cada ano, e portanto, em 2019, o tema da sustentabilidade ambiental não é mais uma novidade. Além de ser pauta de diversos veículos de informação, há movimentações de alguns governos estatais e da própria Organização das Nações Unidas (ONU) no sentido de frear os danos causados ao meio ambiente e conscientizar as populações a respeito da necessidade urgente de preservarmos os recursos ambientais. No ano de 1992, de 3 a 14 de junho, a ONU promoveu a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento,

também conhecida como Rio 92, Eco-92 ou Cúpula da Terra. Esse foi o momento histórico em que as nações assumiram a responsabilidade de controlar a exploração dos meios naturais, compreendendo que estes meios não se recuperam na mesma velocidade em que são utilizados pelas sociedades humanas.

Atualmente, vinte e sete anos depois da conferência, os efeitos destrutivos da ação humana sobre a natureza são muito mais evidentes, e a grande maioria das nações ainda priorizam a economia industrial em detrimento do uso sustentável dos bens naturais. A cultura de exploração do meio ambiente, sobretudo nos países ocidentais, é milenar. A estrutura social voltada para o sistema capitalista sempre foi baseada na produção de bens, acúmulo de riquezas e compensação imediata, e essas ideias vão de encontro à noção de que o tempo da natureza deve ser respeitado para que ela possa se regenerar, como prega a permacultura, conceito discutido nesta pesquisa.

Assim sendo, o presente trabalho visa trazer uma reflexão sobre a urgência da conscientização, responsabilização e empoderamento de indivíduos, e não de nações, no que se refere à convivência harmoniosa entre seres humanos e todos os outros seres do planeta.

A permacultura é um método científico de planejamento de ambientes fundamentado em princípios do design e ancorado em conhecimentos ancestrais e informações modernas a respeito de sistemas naturais e sociais, e tem o objetivo de restabelecer o equilíbrio da relação entre humanidade e meio ambiente.

Este conceito foi desenvolvido na década de 1970 por Bill Mollison e David Holmgren como uma alternativa aos métodos agrícolas e industriais em vigência naquele período. Também conhecida como cultura de permanência, ela dissemina a filosofia de coexistência com todos os outros seres da Terra, oferecendo técnicas de design para que cada pessoa possa escolher viver permaculturalmente, seja em ambientes rurais ou urbanos.

A construção de um ambiente sustentável traz autonomia às comunidades. Uma comunidade com autonomia é aquela que tem a capacidade de satisfazer as suas próprias necessidades sem depender de grupos ou pessoas de fora da comunidade. O domínio das técnicas construtivas e a valorização das técnicas tradicionais são mais um passo rumo a essa autonomia. Autonomia é sinônimo de liberdade para uma comunidade, pois com isso ela não precisa depender de recursos externos ao ambiente onde vive. Se cuidarmos da natureza, teremos para sempre os recursos necessários para a nossa sobrevivência e a das futuras gerações no local onde

vivemos. (PROMPT, 2008, p.11)

O conteúdo deste trabalho foi produzido no formato de um documentário em que permacultores falam sobre a necessidade do despertar de cada indivíduo para a importância de viver harmoniosamente com a biosfera, de forma a possibilitar a longevidade da vida na Terra através de três princípios éticos básicos: cuidado com a terra, cuidado com as pessoas e redistribuição de excedentes.

A permacultura acredita que a mudança vem de dentro, do centro. Antes de implementar técnicas sustentáveis, há de se ter, primeiro, o desejo e a compreensão do propósito da cultura de permanência. A mensagem do documentário Zona Zero é que somente será possível promover verdadeiras transformações sociais a partir da conscientização e responsabilização individual de cada um em relação ao papel que desempenhamos, enquanto seres culturais e racionais, frente ao meio ambiente

II - PROBLEMA DE PESQUISA

Cada fonte de informação sobre permacultura a que tivemos acesso para produzir o Zona Zero nos ofereceu um insight diferente. Isto se deu porque o conceito é fluido e dinâmico. Até mesmo a obra de seus criadores, Mollison e Holmgren (1981), deixa a desejar na limitação de uma definição da palavra, talvez propositalmente. Delimitar a noção de permacultura vai contra as suas premissas.

Trata-se de uma filosofia atrelada a métodos de design aplicados a diversas áreas de atuação humana. A permacultura é sistêmica em essência, e é feita e aprendida na prática. Grande parte dos institutos, grupos e comunidades que se propõem a disseminar o conhecimento sobre as técnicas permaculturais no Brasil, o fazem com a vivência empírica, oferecendo a seus visitantes uma imersão em um ambiente onde as pessoas são capazes de controlar (em boa parte) e direcionar os impactos da sua existência sobre a natureza, invertendo a lógica predatória da relação entre seres humanos e meio ambiente a partir do cuidado com a terra e tudo que vive nela. É uma experiência singular que ensina não apenas os métodos para reduzir os efeitos nocivos da humanidade sobre a biosfera terrestre, mas também orienta seus estudiosos, através do pensamento sistêmico, a compreender os ciclos naturais como uma rede de interdependência, e a procurar soluções sustentáveis em todos os ambientes em que se encontrarem, favoráveis ou não à aplicação de suas técnicas, uma vez que a verdadeira mudança se inicia no indivíduo, na maneira de se enxergar como parte integrante do todo.

A partir da percepção de que a permacultura só acontece na aplicação prática de seus mecanismos, mas que esse exercício é iniciado somente desde a mudança de *mindset* das pessoas, nos indagamos se seria possível transmitir, por meio da produção de conteúdo, os conhecimentos dessa filosofia para mais pessoas além daquelas que têm condições financeiras e estruturais de atender a um curso empírico acerca do tema, não com a finalidade de demonstrar a aplicação dos seus mecanismos, mas para difundir as crenças da ideologia permacultural e despertar consciências individuais por meio de uma mudança de mentalidade.

Este documentário, portanto, não intenciona substituir um curso de vivência em permacultura ou ser uma guia de boas práticas, mas sim, pretende servir como uma introdução às principais premissas deste conceito vasto e não-delimitado, ser capaz de provocar seus

espectadores a se aprofundarem nos estudos do assunto, e, com esperança, acender a fagulha da mudança de mentalidade em nossos meios sociais, um indivíduo por vez.

III - JUSTIFICATIVA

A ideia deste trabalho teve origem em 2016, quando o Gabriel, co-autor deste trabalho, teve seu primeiro contato com a permacultura em uma oficina realizada na Universidade de Brasília durante a Semana Universitária. Algum tempo mais tarde, ele participou de um curso imersivo sobre o assunto, e se interessou bastante por desenvolver um projeto final que evidenciasse os mecanismos por meio dos quais as boas práticas que acabara de aprender poderiam ser ferramenta de transformação social.

Passado algum tempo, eu, Danielle, co-autora deste trabalho, que fui atraída e me informei brevemente sobre o tema, me juntei ao Gabriel para realizar o projeto em dupla, e começamos a discutir o direcionamento da pesquisa. Nos questionamos acerca da abordagem que o vídeo deveria ter. Neste período, todas as imagens já haviam sido captadas, e havia diversas cenas longas da mão de obra nas bioconstruções² da Ecovila, ensinando técnicas de saneamento sustentável, mostrando como são planejadas as agroflorestas, porém ambos tínhamos a mesma dúvida: como alguém poderia aplicar as técnicas das bioconstruções morando em um apartamento pequeno no centro de Brasília, por exemplo? Toda a mecânica e engenharia para as construções na Ecovila são muito interessantes e eficazes, porém, são dificilmente aplicáveis à vida em grandes e amontoados centros urbanos. Até mesmo explorando somente os mecanismos adaptáveis para a realidade urbana, a mensagem do trabalho ainda nos parecia sem sentido. Dessa forma, o conteúdo que estávamos desenvolvendo com intenção de empoderar as pessoas a tornarem-se responsáveis pela vida no planeta tinha grandes chances de fracassar logo em sua origem, posto que boa parte dos seus preceitos não teriam grande serventia para os mais prováveis espectadores deste documentário.

Passamos a ponderar como poderíamos fazer com que este produto fosse mais atrativo e significativo. Depois de muito diálogo, chegamos à conclusão de que nós, que vivemos em um espaço urbano, interessamo-nos por pesquisar e registrar os ensinamentos da permacultura, não pela metodologia de design que ela traz, mas pela mensagem que ela passa. A permacultura prega a vivência em equilíbrio com todos os seres, e este equilíbrio começa na semente, no centro, no indivíduo. O que pudemos observar durante nossas pesquisas e conversas com permacultores é que a partir do momento em que as pessoas compreendem o

sentido da cultura de permanência, elas passam a se comportar de maneira mais respeitosa diante da natureza e a ajustar seus hábitos, com pleno entendimento de que, inevitavelmente, somos todos atores na preservação ou no esgotamento dos nossos recursos naturais.

Partindo destas conclusões, mudamos o direcionamento do projeto. Percebemos que a transformação social que a permacultura intenta promover só será verdadeiramente possível quando as sociedades se tornarem conscientes dos seus efeitos sobre a Terra. E para que a conscientização social aconteça, é preciso que haja antes uma conscientização individual.

Assim sendo, a motivação desta pesquisa surgiu do nosso desejo de tornar inteligíveis os conceitos básicos da permacultura utilizando as ferramentas de comunicação que tínhamos à disposição.

IV - OBJETIVOS

IV.I - OBJETIVO GERAL

Produzir um conteúdo atrativo em formato audiovisual capaz de ilustrar, em linhas gerais, o que é a permacultura, como ela pode transformar a maneira como lidamos com nossos alimentos e nossos dejetos, e qual é o seu legado para o futuro do planeta, na intenção de sensibilizar os espectadores e ter um senso de curiosidade em relação ao tema, e de responsabilidade em relação à vida no planeta.

IV.II - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Elucidar quais são os principais valores da permacultura, utilizando técnicas de comunicação para a produção de conteúdo;
- Plantar nos espectadores a semente da conscientização e auto responsabilização pela redução dos efeitos negativos de sua existência na Terra, utilizando argumentos racionais e subjetivos, e ilustrando a importância e a urgência de que isso seja um movimento social e coletivo;
- Dar visibilidade para este tema que, acreditamos, tende a (e deve) se tornar cada vez mais evidente conforme os resultados dos hábitos nocivos que temos enquanto sociedade se agravarem.

V. REFERENCIAL TEÓRICO

A permacultura nasceu na Tasmânia, um estado / ilha da Austrália, na década de 1970. Em 1974, Bill Mollison, professor e pesquisador ambiental nativo do estado, conheceu David Holmgren, seu então aluno na Universidade da Tasmânia. Juntos e motivados pela força selvagem da natureza na ilha, que mesclava ambientes urbanos e naturais como nenhum outro lugar do país, eles desenvolveram o trabalho de planejamento de um sistema de agricultura sustentável e integrado, e deram a ele o nome “permacultura”. Neste período, Mollison tinha aproximadamente 46 anos, e era um notório estudioso e ativista ambiental. Tendo sido criado em uma região pouco urbana, comparada a outros lugares da Austrália, ele teve contato com trabalhos ligados à natureza, como pescador, agricultor, marinheiro, entre outras funções. Desta forma, ele desenvolveu uma consciência ambiental que o motivou a fazer pesquisas e projetos relacionados a isso, na intenção de criar uma alternativa ao sistema de agricultura pouco eficiente que era ensinado nas conceituadas faculdades de Agronomia pelo mundo à época.

Os departamentos de agricultura definiram terras cultiváveis. O que eles querem dizer é terra que pode ser arada. Mas eu não vejo nenhum lugar como não cultivável. Há toda uma hierarquia de produtividade na paisagem, e tudo pode ser usado para produção. Então há realmente duas estratégias para nossa consideração em agricultura. Uma é descobrir qual é o mínimo ao qual podemos reduzir nossas práticas agrícolas, e reduzi-las a isso. A outra é encontrar o nível ao qual podemos aumentar o uso de terras denominadas não cultiváveis para a produção agrícola. Há todo tipo de jogos a se jogar. Estou realmente surpreso com quão pouco dessas florestas na América é usado para fins produtivos, como floresta. (MOLLISON, 1998, p.18)

Vale destacar que o contexto político-social deste período, sobretudo nos Estados Unidos, países da Europa e Austrália, havia a memória recente das grandes insatisfações da sociedade civil em relação às políticas públicas e aos modelos antiquados que já não contemplavam a forma de pensar da população. Esse descontentamento era evidenciado pelos diversos movimentos sociais que irromperam em diversos países na década de 70. A Contracultura e o movimento hippie, que emergiram na década anterior, são bons exemplos

do teor dessas expressões coletivas: eram jovens que lutavam pacificamente contra o racismo, LGBTfobia, exploração dos recursos naturais, e pregavam os ideais de tolerância, respeito, igualdade, amor livre, entre outros. Não se tratavam de manifestações em prol de ações práticas do governo, como intentam as greves sindicais, por exemplo. Neste momento, o movimento era por uma mudança de comportamento, de postura. O enfrentamento ao sistema imposto era feito com arte, não com armas.

Nesta conjuntura, Mollison e Holmgren se voltaram para o ativismo acadêmico ambiental através da permacultura, que além de reunir um conjunto de técnicas de agricultura e edificações, traz consigo uma série princípios éticos comuns às causas da Contracultura. Mollison discorre sobre o efeito de propagação, que se aplica a estes ideais, e que é revelado nos resultados positivos e exponenciais dos projetos de permacultura que estavam sendo feitos ao redor do globo, já na década de 1990.

Há algo que não tem sido ensinado: que uma vez que fazemos algo corretamente, isso vai em frente e faz um monte de outras coisas por si só. Isso parece estar acontecendo. Então parece que há algo acontecendo ali, e é muito difícil de analisar. Às vezes, você faz um único movimento, simples e direto, que você espera que vai ser benéfico. E você descobre, se você parar e observar e deixar aquilo trabalhar sozinho, que as coisas continuam trabalhando, talvez trazendo outros 10 benefícios que você não esperava. (MOLLISON, 1998, p. 62)

David Holmgren, então, resumiu todos os valores da permacultura em três pilares: o primeiro é o cuidado com a Terra; depois, o cuidado com as pessoas; por fim, a redistribuição de excedentes. (HOLMGREN, 2013)

Entretanto, o grande obstáculo para que a permacultura seja adotada em grande escalas nas sociedades ocidentais da atualidade é o respeito ao tempo.

Em sua obra *Modernidade Líquida*, Zygmund Bauman discorre sobre a efemeridade e dinamismo da realidade pós-moderna. Segundo o autor, a dinâmica social do que ele chama de modernidade líquida é pautada no individualismo e liberdade, enquanto a modernidade sólida, período anterior, era baseada na segurança, estabilidade das instituições e autoridade do Estado.

Portanto, na conjectura atual, podemos dizer que a velocidade da informação e da troca de produtos e serviços aliada ao avanço exponencial da tecnologia, fomenta a condição de brevidade das relações, ideias e projetos. Em um cenário onde as pessoas têm cada vez menos tempo fora do trabalho, a rapidez na concretização dos anseios, sobretudo através da tecnologia, se torna uma necessidade quase básica para muitos indivíduos.

Dessa maneira, este trabalho propõe a permacultura também como uma ferramenta de desaceleração. Se as pessoas são autônomas e responsáveis pela sua própria existência na Terra, o vínculo de trabalho se torna mais flexível. Portanto, a permacultura, mais verdadeiramente do que os conceitos da pós-modernidade, prega a liberdade e independência dos seres.

VI - ESTRUTURA NARRATIVA

O documentário Zona Zero foi planejado para demonstrar a forma profunda como a permacultura pode transformar a maneira como lidamos com os recursos naturais, com os outros seres e com os nossos dejetos. Essa filosofia muito fala sobre a responsabilização de cada indivíduo por sua própria existência, e, por isso, elegemos quatro matérias para organizar a narrativa do filme, casando a ideia de auto responsabilização e o conceito de ciclos naturais, muito trabalhado na permacultura. Abaixo, apresentarei cada uma dessas seções.

VI.I - O que é a permacultura?

Na primeira seção do trabalho, o objetivo é explicar o que é a permacultura a partir da visão de pessoas que estudam e vivem de acordo com os seus princípios. Já aqui, iniciamos o filme convidando a atenção dos espectadores para a primordialidade de uma transformação interna, de consciência, em todas as pessoas.

A ordem das cenas foi montada de maneira a deixar claro o que é a permacultura, apesar da vastidão das suas definições, alternando falas objetivas e explicativas com reflexões mais subjetivas dos entrevistados, convocando quem assiste a compreender que não se trata apenas de um método de design e planejamento, tampouco se limita ao âmbito etéreo da consciência humana. É o todo integrado.

E a integração do todo, quando nos referimos à natureza, implica em respeitar o tempo dos ciclos naturais. Como dito no filme, isso contraria a lógica capitalista de consumo, que é baseada na compensação imediata de desejos. Segundo as respostas das entrevistas colhidas neste projeto, a transformação social a partir da permacultura somente acontecerá de fato quando as pessoas que passaram ou passarão pelo processo de transformação individual que ela provocada ocuparem os espaços de tomada de decisão política.

A lógica da permacultura opõe-se completamente à estrutura social e de mercado em vigência no Brasil e na maior parte dos países do mundo. O sistema que aí está cria e reforça princípios como a competitividade, imediatismo, performance e especialização, enquanto, por outro lado, a permacultura propaga ideais de cooperação, conhecimento integrado e transversal e respeito ao tempo dos ciclos da natureza.

Em um modelo de especialização do conhecimento e do trabalho, como o que vivemos, os indivíduos se capacitam para desempenhar uma tarefa específica no mercado mas não são capacitados para gerir a sua própria existência. Um bom exemplo disso é a forma desconectada como lidamos com a produção de alimentos, que, além da água e do ar, é o recurso mais indispensável à nossa vida.

VI.II - E os frutos?

Na segunda parte do trabalho, as reflexões dos permacultores exploram um pouco mais a relação distorcida que temos hoje, enquanto sociedade, com a produção dos alimentos que consumimos.

No Brasil, os agricultores são uma classe trabalhadora que nunca foi valorizada. Porém, conforme citado no filme, a produção dos agricultores é, quiçá, o serviço mais primordial que pode ser oferecido dentro de uma organização social, visto que a alimentação é indispensável à nossa vida. Apesar disso, além de desvalorizar os profissionais que produzem os alimentos, somos absolutamente dependentes do trabalho deles, uma vez que não somos capacitados enquanto indivíduos para conseguirmos produzir comida nem mesmo para nossa própria subsistência. É isso que a permacultura questiona.

Em um modelo permacultural, o conhecimento não é especializado, mas transversal. Dessa forma, as pessoas aprendem todos os métodos necessários para garantir a sua sobrevivência e, novamente, se responsabilizar por sua existência.

Considerando que a alimentação é imprescindível à vida humana, e que nossa alimentação depende de um sistema falho e injusto de produção de alimentos em massa, somos subjugados às organizações estatais que garantem que os produtos chegarão até os supermercados, onde podemos trocar o resultado do trabalho especializado - dinheiro - por alimentos.

A permacultura propõe que as pessoas rompam esse laço de dependência em relação à alimentação. Produzindo a própria comida, os indivíduos são capazes de suspender o vínculo de dependência com uma cadeia de produção de alimentos que envenena os produtos, prejudica o solo, desvaloriza o agricultor, polui o ar por meio dos transportes e distribuem estes alimentos e aprisiona os cidadãos nesse sistema. A alternativa de cultivar os próprios

mantimentos de forma ambientalmente sustentável, saudável, orgânica e independente é, segundo Mollison (1998), a verdadeira revolução que a permacultura nos sugere.

Parte importante desse processo de cultivo é a fertilização, de que vamos falar a seguir.

VI.III - E a nossa merda?

Além da produção de alimentos, a gestão dos dejetos também é fundamental quando nos referimos à responsabilização de cada um por seus impactos na natureza. E, assim como no processo de digestão em que o alimento é transformado em fezes, na fertilização, as fezes se tornam alimento.

A permacultura nos apresenta, portanto, técnicas para criar sistemas próprios e fechados de saneamento, integrados às agroflorestas. Dessa forma, o ciclo se fecha em completude, se torna menor, mais simples, mais personalizado e mais eficiente do que os modelos de saneamento urbanos.

É destacado o fato de que, para lidar com as próprias fezes, é necessário que haja uma forte sensibilização das pessoas para entender que há valor nisso e que, assim como os alimentos, os dejetos fazem parte importante do ciclo, atuando como fertilizante, catalizando a vida.

VI.IV - E as sementes?

Por fim, para fechar o ciclo, depois do fertilizante, quisemos falar das sementes. A palavra “semente” significou muito para nós no desenvolvimento desta pesquisa. Ela engloba o que queremos dizer com “conscientização individual”. A semente é a verdadeira zona zero, o início, o centro. Portanto, nomeamos a última seção do projeto de “E as sementes?” para abordar os legados que a permacultura é capaz de nos proporcionar.

A permacultura nos presenteia com uma lógica de conhecimento transdisciplinar, mesclando técnicas e teoria de diversas áreas de conhecimento, e tudo isso converge na aplicação prática destes aprendizados.

Ela nos convoca a tomar atitudes para restaurar os ciclos que quebramos na natureza, ao menos os que ainda podem ser restaurados. Mais do que isso, a permacultura nos mostra que isso é possível com práticas que já são comuns em diversos centros dedicados ao tema.

Para além disso, ela nos provoca a questionar tudo que está posto. A relação que temos com o tempo, o trabalho, as pessoas. É um chamado a criar novas perguntas.

VII - METODOLOGIA

Como citado anteriormente, a primeira experiência do Gabriel com a permacultura foi dentro da universidade, em 2016. Nesta oportunidade, ele conheceu Marcos Ninguém, um permacultor e ativista da causa, que já atuava no segmento há anos, viajando pelo Brasil e pelo Mundo para propagar os princípios e técnica de permacultura, e que viria a ser um parceiro na produção deste projeto, estando, inclusive, entre os entrevistados do filme.

Algum tempo mais tarde, já em abril de 2017, participou de um curso imersivo chamado Permacultura, design e consultoria (PDC) no IPEC (Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado), localizado na cidade de Pirenópolis, Goiás. A sigla PDC significa *Permaculture Design Certificate course*, ou, em tradução livre, Curso Certificado de Permacultura. Este é um curso padrão institucionalizado por Bill Mollison para garantir a qualidade da difusão dos conhecimentos sobre a permacultura ao redor do mundo. Foi trabalhando em bioconstruções¹ e vendo na prática como as técnicas permaculturais são aplicadas que ele se interessou por fazer um projeto que pudesse expandir o alcance desses saberes.

Um semestre depois, Gabriel definiu o recorte do seu projeto: demonstrar, por meio da produção de um vídeo, a aplicação da metodologia de permacultura e bioconstruções como uma alternativa possível, funcional e integrada para que todos possam viver em mais harmonia com os sistemas naturais da Terra. Então, deu início à execução do projeto, agendou novas visitas ao IPEC, marcou entrevistas, preparou o equipamento necessário e captou todas as imagens. Essa fase do trabalho se deu ao longo de cinco meses, desde a concepção da ideia do projeto até a finalização das filmagens no EcoCentro, em Pirenópolis. As captações foram feitas em duas visitas ao IPEC. A primeira, no curso de Bioconstrução com bambu. Nesta ocasião, Guilherme, professor do IPEC presente entre as pessoas entrevistadas no filme final, utilizou nas suas aulas os bambus que plantara 15 anos antes naquele lugar, enquanto ministrava um outro curso. A segunda visita foi durante um curso chamado Construindo ¹Cidades, técnicas e soluções para aplicações da permacultura em meios urbanos.

¹ técnicas de construção que tem como objetivo contribuir para a criação de povoados mais saudáveis, auto suficientes e conectados com o ambiente natural.

O EcoCentro disponibilizou o espaço para a captação, o tempo de sua equipe para as entrevistas, e a estrutura de hospedagem para a equipe de filmagem como parceiros deste projeto.

As pessoas entrevistadas para o Zona Zero são professores, alunos e voluntários do IPEC, que já tiveram contato profundo com os preceitos da permacultura, e que vivem, em diferentes graus, de uma forma permacultural. São pessoas em quem a transformação já começou, que têm plena consciência de que são responsáveis pelas suas vidas e pela vida na Terra. Para nós, estes indivíduos simbolizam o poder de transformação individual e social que a permacultura pode ter.

Poucas semanas depois de finalizadas as captações, Gabriel soube que Marcos Ninguém, a pessoa com quem ele teve seu primeiro contato com o tema discutido aqui, voltaria a Brasília para oferecer um curso de Agrofloresta em um sítio familiar no Altiplano Leste. Rapidamente, tentou um contato direto com ele na intenção de conseguir mais uma entrevista que pudesse enriquecer o trabalho, e Marcos aceitou prontamente e se posicionou como um grande apoiador deste trabalho.

Neste período, eu, Danielle, estava buscando decidir qual seria o tema do meu projeto final para a conclusão do curso. Tivemos uma conversa informal e despretensiosa acerca do trabalho sobre permacultura que ele estava desenvolvendo, e me interessei profundamente pelo assunto, do qual nunca havia ouvido falar. Por curiosidade, fiz pesquisas breves e tive alguns poucos contatos online com pessoas que vivem com base nos ensinamentos da permacultura, no intuito de me informar mais, e surpresa por conhecer este tão tardiamente. Após alguns dias de conversa, eu e Gabriel decidimos nos unir para realizar o projeto juntos, tendo posto que eu ainda não tinha nenhum tema em mente e me identifiquei com a sua tese, e ele, por sua vez, estava enfrentando algumas dificuldades na execução do trabalho, que poderiam ser resolvidas rapidamente a quatro mãos.

Então, partimos para a divisão de atribuições. Gabriel ficou responsável pela edição do vídeo e desenvolvimento da marca Zona Zero, e eu, pela redação do memorial. Os trabalhos de curadoria e análise das imagens captadas, definição da estrutura de roteiro do documentário e pesquisa de referências ficaram sob responsabilidade de ambos. Na prática, conseguimos seguir este plano em grande parte, eventualmente trocando algumas funções, quando necessário.

Na fase de curadoria das imagens que usaríamos no documentário, percebemos que o direcionamento previamente delimitado para o trabalho não expressava a mensagem que queríamos de fato passar. Demonstrar como são feitas as bioconstruções e adaptações de hábitos nunca foi o objetivo verdadeiro deste projeto. Nós queríamos deixar claro que a permacultura não é apenas um conjunto de práticas, mas sim, uma forma de se colocar no mundo. Neste momento, nos voltamos às questões mais básicas que devem ser respondidas ao início do desenvolvimento de um projeto, e utilizamos técnicas de *design thinking*² para chegar ao recorte atual do trabalho, que nos parece mais adequado.

Esse processo deixou evidente que a forma mais impactante que tínhamos para apresentar a permacultura a alguém pela primeira vez, seria da mesma maneira como a conhecemos: através de relatos, saberes e considerações feitas por pessoas que conhecem bem as suas práticas, suas crenças e seus efeitos. Isto posto, encontramos exatamente o que era necessário na curadoria das entrevistas. Nenhuma das pessoas que foram entrevistadas falou apenas das técnicas ensinadas no IPEC. Todas demonstraram uma relação muito próxima e sistêmica com a biosfera que as cerca, porque consideram que tudo o que existe nos sistemas naturais contribui para o equilíbrio da vida na Terra, portanto, tudo deve ser respeitado.

Partindo da premissa de que os efeitos do sistema econômico baseado na produção industrial sobre a natureza são de conhecimento público, tendo posto que este tema vem sido discutido em âmbitos nacional e internacional há mais de três décadas, consideramos que não é relevante apenas apontar as mazelas naturais causadas pela ação humana na Terra. Não há novidade nisto. A particularidade da permacultura que nos chamou a atenção foi o fato de que ela não nos convida apenas a cuidar da natureza para frear os danos causados a ela pela humanidade. Ela trabalha com a noção de ciclos naturais e integração. Mais que um chamado a preservar os recursos naturais, ela nos incita a mudar a forma como nos enxergamos em relação ao meio ambiente. Ela propõe o retorno da humanidade à condição de seres verdadeiramente pertencentes e atuantes na biosfera em que habitam.

Com as entrevistas em mãos, todas dizendo com palavras mais sábias e experientes o que nós gostaríamos de dizer, porém, ainda apegados à ideia anterior de demonstrar a vivência que acontece na Ecovila, chegamos à uma solução satisfatória para ambos.

² Método de design para encontrar respostas criativas e inovadoras, sempre com foco na solução do problema proposto.

Resolvemos usar apenas as entrevistas como linguagem verbal no filme, tendo suas imagens eventualmente sobrepostas por cenas do trabalho que é feito no centro de permacultura.

Na fase de definição da estrutura do vídeo, nós o seccionamos em quatro partes principais que, acreditamos, são capazes de sintetizar as ideias centrais da permacultura e criar uma linha de raciocínio que funcione, como tudo na permacultura, como um ciclo. Mais desdobramentos sobre essa estrutura são discutidos no capítulo anterior deste memorial.

Após redefinir a função e o formato do projeto, começamos a pensar em como nomeá-lo. Não era ainda uma demanda urgente, mas, ansiosos, fizemos algumas rodadas de brainstorming para encontrar um nome interessante e que fosse capaz de representar a mensagem central deste produto em poucas palavras. Eis que a resposta surgiu de maneira muito simples. Fazendo uma consulta à obra de Morrow (2010), amplamente utilizada nas pesquisas para o projeto, Gabriel se deparou com a expressão “zona zero”, e ambos imediatamente concordamos que assim seria intitulado o nosso documentário. Elucidarei a seguir por que esse termo atende aos critérios para definição do nome do trabalho.

Uma das proposições da permacultura é a ordem de adaptação e implementação das suas técnicas. Esta ordem é representada em zonas, sejam elas:

- Zona 0 - a casa, o centro, o próprio indivíduo;
- Zona 1 - o quintal, o jardim, ambiente imediatamente exterior à casa;
- Zona 2 - a floresta de alimentos, onde há espaço para que se cultive diferentes tipos de legumes e frutas de consumo perene;
- Zona 3 - uma fazenda produtiva, que seja capaz de produzir a despeito da mudança de estações;
- Zona 4 - uma floresta de colheitas, destinada à criação de animais e à colheita de madeira a longo prazo;
- Zona 5 - florestas naturais, nativas ou regeneradas, onde deve haver mínima interferência humana; são biossistemas indispensáveis ao equilíbrio de outros sistemas menores.

Considerando estas definições, demos ao trabalho o nome de Zona Zero para ilustrar a espinha dorsal desta pesquisa: a transformação social começa no centro, nos núcleos, nas pessoas.

Com o nome escolhido, pudemos nos dedicar à criação da marca Zona Zero. Gabriel, no início da concepção do projeto, tomou a decisão de criar uma marca para este, motivado pelo desafio pessoal de realizar um trabalho de design para a universidade, tendo em vista que

já havia reprovado a disciplina de Direção de Arte durante a graduação e gostaria de colocar essa habilidade à prova em seu projeto final. Trabalhando há cerca de dois anos com branding e estratégias de construção de marcas, ele compreende que ter uma marca que represente a identidade de um projeto faz toda a diferença no seu processo de comunicação.

A inspiração inicial para a marca Zona Zero (pode ser observada nos anexos deste trabalho) surgiu bem cedo no processo de produção do trabalho, quando, durante um pesquisa, Gabriel percebeu que grande parte das imagens de sementes se assemelhavam ao formato do zero, um formato oval. A marca foi finalizada em quatro semanas, e entre diversas tentativas e erros, surgiram nela mais dois elementos conceituais:

- 1.) as linhas mais estreitas replicam o movimento de ondas propagadas na água quando algo é lançado em um lago, e representam o efeito de propagação que desejamos que aconteça com a mensagem deste filme;
- 2.) as linhas mais espessas divergem do centro para as bordas do círculo, simbolizando a mudança que vem de dentro para fora, mensagem central do documentário.

A família tipográfica adotada é chamada Quicksand, que expressa leveza e credibilidade, tem fácil aplicação digital e boa leitura. As cores branca e verde expressam as ideias de leveza e natureza.

Para a construção da logo, o software utilizado foi o Adobe Illustrator.

Para a trilha sonora do projeto, elegemos a canção Beijaflor, do artista Quincas Moreiras, disponível no acervo de músicas gratuitas do YouTube, para a abertura do vídeo.

A canção de encerramento do trabalho, por sua vez, se chama Reconexão, de André Lauar, artista de São Paulo. Em 2017, quando participou do curso imersivo no IPEC, Gabriel conheceu André, que tocou esta música quando a turma se reuniu em uma noite do curso ao redor de uma fogueira. A canção nunca foi esquecida, porque fala justamente da filosofia da permacultura, da reconexão entre humanos e a natureza. Dois anos depois, Gabriel entrou em contato com André, falou sobre o Zona Zero e demonstrou interesse em usar a música como trilha sonora. André não somente apoiou a ideia como gravou a canção pela primeira vez exclusivamente para ser utilizada neste filme.

Os equipamentos utilizados na captação das filmagens foram:

- Câmera Cannon 6D, utilizada com a lente Cannon 50mm
- Go Pro Hero 6 black
- iPhone 6S

- Drone DJI Mavic Pro
- Estabilizador DJI Osmo Mobile
- Lapela Boya BY-M1

Durante a captação, contamos com a ajuda de um amigo pessoal e filmmaker, Tomaz Turra, que operou o drone e gravou algumas imagens com a câmera Cannon.

No processo de edição e finalização, tivemos ajuda de Juliana Monção, pessoa pessoalmente próxima de nós dois, e cujo apoio foi fundamental na conclusão do projeto. Para isso, foram utilizados os softwares Adobe Illustrator, Adobe After Effects e Adobe Premiere. A máquina utilizada na edição foi o MacBook Pro Retina 2015.

VIII - CONCLUSÕES

Ao concluirmos este projeto, acreditamos que ele cumpre o seu propósito. Nossa maior aspiração sempre foi criar um conteúdo que pudesse, simultaneamente, elucidar o que é a permacultura em termos práticos e evidenciar seus fundamentos éticos, no objetivo de sensibilizar os espectadores deste trabalho a se aproximarem dessas noções de cuidado e respeito com tudo e todos.

Este método de planejamento, ou filosofia, é uma prova concreta e irrefutável de que existem maneiras possíveis de reduzir sensivelmente os efeitos negativos que causamos ao planeta enquanto espécie, e, ao mesmo tempo, melhorar a qualidade de vida das pessoas. A permacultura oferece ferramentas capazes de desenvolver sistemas inteligentes, sustentáveis e permanentes.

Por que, então, os governos e empresas não estão aplicando essas técnicas às suas gestões? Como já citado aqui e elucidado no filme, as soluções que a permacultura disponibiliza, apesar de todas as suas qualidades, divergem completamente da lógica de mercado que conhecemos, uma vez que essas soluções devem respeitar os ciclos e o tempo de regeneração dos recursos.

Analisando este cenário, para responder à pergunta de como a permacultura pode ser uma ferramenta de transformação social, a nós foram dadas duas alternativas, que são apresentadas na primeira parte do filme. A primeira opção é que a permacultura se tornará a norma na nossa sociedade, tanto em suas técnicas quanto em sua ideologia, quando as pessoas que compartilham desses valores chegarem à posições de grande influência política. A segunda opção é que essa metodologia só terá a atenção devida das gestões públicas uma vez que a escassez de recursos se torne insustentável, e então haverá mais interesse econômico em uma metodologia como a permacultura do que no formato industrial de produção que conhecemos.

Diante destas duas possibilidades, a segunda nos parece mais realista, sobretudo no momento político de foco no liberalismo econômico em que vivemos no Brasil e muitas outras nações. Entretanto, preferimos acreditar no primeiro caminho. Na opinião dos autores deste trabalho, o maior espólio que a permacultura nos dá hoje é a centelha da esperança de que é possível mudar os sistemas ambientalmente nocivos e ineficientes que estão em

vigência e transformar as relações que estabelecemos com as pessoas, os animais e todos os seres e sistemas vivos, plantando a semente da mudança em todos os indivíduos a que tivermos alcance.

IX. BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, Ricardo. **Muito além da economia verde**. São Paulo: Editora Abril, 2012.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARAPEÇOS, Mônica. **Permacultura e Sociedade**. Disponível em: <<http://sitionosnateia.com.br/2017/05/permacultura-e-sociedade/>>. Acesso em 24 fev.2019.

BAUMAN, Zygmund. **A modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

EMBRAPA. **Trajetória da Agricultura Brasileira**. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/visao/trajetoria-da-agricultura-brasileira>>. Acesso em 6 mai.2019.

ENGELS, Friedrich. **Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. São Paulo: BestBolso, 2014.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens - Uma Breve História da Humanidade**. São Paulo: L&PM, 2014.

HOLMGREN, David; MOLLISON, Bill. **Permacultura Um: uma agricultura permanente nas comunidades em geral**. Editora GROUND. São Paulo, 1978.

HOLMGREN, David. **Permacultura: Princípios e caminhos para além da sustentabilidade**. Via Sapiens, 2013.

IPEC. **Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado**. Disponível em: <<https://www.ecocentro.org/>>. Acesso em 05 jun.2019.

IPOEMA. **Instituto de Permacultura**. Disponível em: <<https://ipoema.org.br/>>. Acesso em 05 jun.2019

LYOTARD, Jean-francois. A condição pós-moderna. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

LÖWY, Michael. **Razões e estratégias do Ecosocialismo**. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/posts/razoes-e-estrategias-do-ecosocialismo/>>. Acesso em 10 mar.2019.

MPA. **Movimento dos Pequenos Agricultores**. Disponível em: <<https://mpabrasil.org.br/>>. Acesso em 6 mai.2019.

MOLLISON, Bill; SLAY, Reny Mia. **Introdução à Permacultura**. Brasília: MA/SDR/PNFC, 1998.

MORROW, Rosemary. **Permacultura Passo a Passo**. Pirenópolis: Mais Calango Editora, 2010.

NERY, Djalma. **Por uma Permacultura morena e ecosocialista**. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/brasil/por-uma-permacultura-morena-e-ecosocialista/>>. Acesso em 24 fev.2019.

ONU. **Conferências de meio ambiente e desenvolvimento sustentável: um miniguia da ONU**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/conferencias-de-meio-ambiente-e-desenvolvimento-sustentavel-miniguia-da-onu/>>. Acesso em 02 mai.2019.

ONU. **Report of the United Nations Conference on Environment and Development**. Disponível em: <<https://www.un.org/documents/ga/conf151/aconf15126-4.htm>>. Acesso em 02 mai.2019.

PERMACULTURA. **Lista de links com experiências e informações de grupos de pessoas que desenvolvem a Permacultura no Brasil**. Disponível em: <<http://www.permacultura.org.br/>>. Acesso em 03 mai.2019.

PROMPT, Cecília. **Curso de Bioconstrução**. Brasília: MMA, 2008.

SANTOS, Renato P. dos. **Artigo Transdisciplinaridade**. In **Física Interessante**. 2014.
Disponível em: <<http://www.fisica-interessante.com/artigo-transdisciplinaridade.html>>.
Acesso em: 17 mai. 2019

SMITH, Adam. **A Riqueza Das Nações. Uma Investigação Sobre A Natureza E As Causas Da Riqueza Das Nações**. São Paulo: Madras, 2009.

X. ANEXOS

ANEXO A - Marca original Zona Zero aplicada sobre fundo preto



ANEXO B - Marca negativa com grid de construção aparente

